

# *A produção de efeitos de sentidos nas relações entre língua e sujeito: um estudo discursivo da dicionarização do "gaúcho"*<sup>1</sup>

Verli Petri

Universidade Federal de Santa Maria – Santa Maria, RS, Brasil

## **Resumo**

Este trabalho tem o objetivo de apresentar resultados de pesquisa referente à produção de efeitos de sentidos que se efetivam nas relações entre língua e sujeito no espaço discursivo de diferentes instrumentos linguísticos, tendo como foco principal o discurso dicionarístico sobre o gaúcho. Trata-se de uma reflexão sobre a constituição do sujeito dicionarista que trabalha com a produção do saber sobre a língua e sobre o sujeito gaúcho. Tomamos o **Dicionário da Língua Portuguesa**, também conhecido como Aurélio; e o **Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul**, realizando uma análise discursiva e comparativa entre eles, explicitando possíveis aproximações e distanciamentos.

**Palavras-chave:** Língua, sujeito, dicionário, gaúcho.

## **Résumé**

Ce travail a pour objectif présenter les résultats de recherche à propos de la discussion sur la production des effets du sens dans les rapport entre la langue et le sujet dans l'espace discursif dans des différents outils linguistiques. L'intérêt principal repose sur le discours du dictionnaire à propos du mot gaúcho. Il s'agit d'une réflexion sur la constitution du sujet qui conçoit le dictionnaire, parce qu'il travaille avec la production du savoir sur la langue et sur le sujet gaúcho. On a pris ici à titre d'analyse le Dicionário da Língua Portuguesa, connu comme Aurélio et le Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul. Nous avons entrepris une interprétation du point de vue discursif et en même temps comparatif entre eux, pour expliciter des possibles points de contacts entre les deux.

**Mots-clé:** langue, sujet, dictionnaire, gaúcho.

---

1 Uma primeira versão deste texto foi apresentada no V CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN (Fev/2007), realizado na UFMG, em Belo Horizonte/MG.

## INTRODUÇÃO

Verli  
Petri  
228

A língua funciona como um “observatório” de discursos que nos oferece diversas possibilidades de visualização, dentre as quais selecionamos para este trabalho o ponto de vista que estabelece relações entre o que está posto na língua e o que passa a ser institucionalizado pela língua. São inúmeros os objetos discursivos que nos fornecem subsídios para uma análise dessa natureza, mas nos interessamos especialmente por um lugar marcado pela evidência de certeza, pela acumulação do saber “sobre”, pela presença de uma suposta “verdade”; enfim, pela pretensa responsabilidade de “guardar” e de “controlar” os sentidos. Nosso olhar se volta, mais especificamente, para o dicionário, enquanto constitutivo do “espaço imaginário de certitude, sustentado pela acumulação e pela repetição”, onde é possível “observar os modos de dizer de uma sociedade e os discursos em circulação em certas conjunturas históricas” (Nunes, 2006, p. 11).

O dicionário, para Sylvain Aurox (1996), é resultante da revolução tecnológica na área dos estudos da linguagem, constituindo-se como importante instrumento linguístico. Tomar esse objeto para análise implica, conforme Nunes (2006), “em concebê-lo como uma alteridade para o sujeito falante, alteridade que se torna uma injunção no processo de identificação nacional, de educação e de divulgação de conhecimentos lingüísticos” (p. 43). O dicionário acaba estabelecendo relações entre os sujeitos e o saber; via a discursividade que lhe é constitutiva.

Nosso objetivo é refletir um pouco sobre a produção dos efeitos de sentidos nas relações entre língua e sujeito, considerando que tais efeitos podem ser observados no dicionário, enquanto objeto discursivo. Para esta reflexão selecionamos o verbete “gaúcho”, presente em dois dicionários, publicados na década de 80 do século XX: *Novo Dicionário de Língua Portuguesa*, (2. ed.)<sup>2</sup>, de Aurélio Ferreira Buarque de Holanda, reconhecido lexicógrafo brasileiro; e o *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*, de Rui Cardoso Nunes e Zeno Cardoso Nunes, dois irmãos que pesquisavam elementos linguístico-culturais fundantes do espaço de tradições gaúchas. A designação gaúcho nos interessou especialmente porque é, historicamente, marcada por uma atmosfera de contradição bastante envolvente e capaz de produzir diferentes efeitos de sentido, tanto no discurso mitológico, quanto no discurso histórico, bem como no discurso literário. A oscilação principia mitológica e historicamente entre o bom gaúcho e o mau gaúcho; o gaúcho platino e o gaúcho brasileiro; o gaúcho do campo

---

2 A Primeira Edição é de 1975.

e o gaúcho da cidade; passando a ser incorporado pelo discurso literário que chega às denominações de: o gaúcho de a cavalo e o “gaúcho de a pé”. A oscilação ocorre, portanto, entre a concepção favorável e a concepção pejorativa, faces reveladoras das contradições, das semelhanças e das dissimelhanças presentes em diferentes discursos que constituem o discurso “sobre” o gaúcho (Petri, 2004).

Ao observarmos essa designação no dicionário, deparamo-nos com outro tipo de oscilação que nos conduz ao espaço de incerteza, tão contraditório<sup>3</sup> com o espaço de certitude, próprio do dicionário. Essa controvérsia reside no fato de que há inúmeras possibilidades de se delimitarem as origens etimológicas do termo “gaúcho”, tal como o conhecemos atualmente. Para melhor observarmos a constituição e a institucionalização dessa designação, trabalhamos com as diferentes formas que elas aparecem nos dicionários de *Língua Portuguesa* e de *Regionalismos*, respectivamente.

A consulta a um dicionário representativo da Língua Portuguesa falada no Brasil é o procedimento inicial da análise, funcionando como um referente com o qual o dicionário de regionalismos se reporta, às vezes mais e às vezes menos. Na verdade, nosso interesse maior é o de consultar e analisar um dicionário de termos regionais, mais voltado ao falar típico do Rio Grande do Sul.

Para isso tomaremos o dicionário como um objeto discursivo a ser lido. Segundo Nunes (2001), o dicionário funciona como um lugar de observação do léxico, não se restringindo ao papel de um instrumento de normatização, mas se constituindo como “um objeto discursivo” (p. 101). No caso específico de um dicionário de regionalismos, encontramos o “levantamento” do que é próprio do popular, do domínio de um falante do “interior” de um estado brasileiro, trata-se de um lugar onde estão formalizados os sentidos correntes mobilizados pelos falantes daquela região, remetendo-nos a uma outra época, ao “imaginário de passado glorioso”, silenciando (na maioria das vezes) os efeitos de sentidos pejorativos que a designação possa vir a produzir. Esse tipo de objeto discursivo também carrega as representações próprias das relações sociais que se efetivam num espaço bem determinado: o campo (a campanha) gaúcho. É enquanto “um conjunto de modos de dizer de uma sociedade” (Nunes, 2001, p. 101), que podemos qualificar como “bastante fechada”, que o dicionário de termos regionalistas funciona como um lugar de referência e de preservação do passado de glórias. Estamos tratando de um discurso que, supostamente, teria sido fundado no espaço campesino e rural do Rio Grande do Sul na

---

3 Cf. Pêcheux, 1980.

época da monarquia portuguesa no Brasil e da colonização, o que aparece representado no discurso histórico oficial (que conhecemos atualmente) e que é parte constitutiva do imaginário social produzido (re-produzido) e instituído pela literatura regionalista que analisamos em tese de doutoramento (Petri, 2004), levando-se em conta que o literário<sup>4</sup> é um espaço discursivo que revela um ponto de vista imaginário, urbano e civilizado “sobre” o gaúcho.

## SOBRE O GAÚCHO

Verli

Petri

230

Historicamente é possível reconhecer variadas hipóteses acerca da origem da designação “gaúcho”, dentre as quais destacaremos as que estabelecem relações entre o habitante do pampa e a época da colonização, levando em conta que o imaginário sobre o gaúcho que se difunde até hoje é resultado de uma série de fatores, mas o trabalho de colonização merece especial destaque.

A busca de uma origem etimológica para este verbete, especificamente, é tarefa árdua e constante, embora demasiadamente diversificada. Vejamos algumas possibilidades e seus efeitos de sentido, tal como é apresentado em Nunes (1984): “do árabe *gaûch*, proveniente do persa *guchi*, ‘boizinho’, formado de *gau-*, ‘boi, vaca’, mais *-chi*, sufixo diminutivo, e que, por sua vez, veio do Sânscrito *gaûch-*, ‘boi, gado vacuum’; este, por seu turno, é oriundo da raiz indo-européia *gwo-*, *gwow-*, ‘boi, vaca’”. Já no castelhano antigo encontra-se a forma “*chaucho*, com sentido equivalente (do árabe *chaûch*, de *choûch*, ‘tropeiro’), a par de *gauche*; e este se documentou primeiro (século XVIII)” prevalecendo então a forma “*gaucho*” (p. 211).

O *gaucho* depois passou à forma atual *gaúcho*, sendo, no princípio, uma designação que nos remete a um “predador” de gado xucro e ladrão de estâncias; o que se transformou, na atualidade, numa designação que nos remete ao homem que está intimamente ligado às coisas da terra, enfim, à atividade da pecuária no Rio Grande do Sul.

A designação gaúcho vem de um outro lugar, instaura-se ao sul da América, recupera sentidos, transforma-se e passa a significar de diferentes formas através dos tempos, conforme reinvenção imaginária, mas na maioria das vezes nos remete às relações entre o homem e às coisas da terra, caracterizando de forma mais genérica o gaúcho como um ser essencialmente telúrico.

---

4 Chamamos a atenção para o discurso literário, pois é importante fonte de exemplificação do dicionário de regionalismos que estamos analisando.

Assim, com o passar do tempo, o funcionamento da designação gaúcho ganha outros espaços, abrangendo outros setores (mais urbanizados) da sociedade organizada que antes procurava ignorar ou se opor à sua existência, enquanto representativa do grupo social do Rio Grande do Sul. Essa designação advém da região do pampa (uruguaio e argentino) e vai avançando às fronteiras do Rio Grande do Sul, levando o restante do Brasil a reconhecer essa designação como sinônimo de *rio-grandense-do-sul* ou *rio-grandense*. Estabelece-se, então, uma generalização que silencia o caráter pejorativo que tal denominação produziu até meados do século XIX. É a força representativa do grupo de “gaúchos pampeanos” que acabou emprestando seu nome aos habitantes do Rio Grande do Sul, a partir do início do século XX, seja ele do meio rural ou urbano, efetivando uma formação imaginária que destaca esse grupo social e regional por suas características mais elogiáveis, tais como: a coragem a toda prova, a honra, a honestidade, o excelente caráter, o amor pela liberdade, a irreparável hospitalidade, o patriotismo.

Nesse trabalho, concebemos o gaúcho como uma designação que traz em si marcas de um processo social, histórico, político, econômico e cultural, próprio da fundação e desenvolvimento do Rio Grande do Sul e região. Nosso recorte privilegia o gaúcho enquanto sujeito que habita o imaginário social: um tipo regional de brasileiro que conta sua história de conquistas, permeada de guerras e de lendas, como aquele que conquistou espaço físico e simbólico na federação com o sangue derramado (voluntária e involuntariamente) nas revoluções<sup>5</sup>. Estamos tratando da designação que revela um herói representado ficcionalmente na figura mitológica do centauro; um homem ligado às coisas da terra, que ajudou a povoar a zona rural do sul do Brasil. Esse gaúcho se revela pelas relações sociais que lhe são atribuídas como constitutivas, pois ele se vincula profissionalmente como trabalhador rural; um integrante do grupo social constituído pela miscigenação racial própria do sul do Brasil (negros, índios, descendentes de europeus) e vinculado, atualmente, às lutas sociais pelos direitos à terra e à dignidade.

A designação, no presente trabalho, é concebida como a palavra, termo ou expressão que produz o efeito de nomear, indicar, qualificar algo ou alguém (Guimarães, 1995; 2001). O substantivo (comum ou próprio) é, por excelência, a forma que designa as coisas, muito embora o processo de

---

5 Segundo Oliven, isso se evidencia “de forma simbólica na bandeira do estado, que é formada por três faixas coloridas: uma verde, a outra amarela, ambas evocando as cores da bandeira nacional, separadas por uma faixa vermelha denotando o sangue que foi derramado na história do estado” (1992, p. 58).

designação não se restrinja somente ao substantivo, pois acreditamos que designar pode significar ainda atribuir qualidades ou funções à coisa ou ao indivíduo designado. Assim, *tomamos o ato de designar como uma forma sinônima do ato de nomear, considerando que este ato tem também a propriedade de formalizar a existência de algo ou de alguém, inclusive juridicamente, o que possibilita o desencadeamento do processo de identificação e, conseqüentemente, de diferenciação*. Embora a designação e o ser ou objeto designado não sejam exatamente a mesma coisa, há uma relação de correspondência entre eles, há pontos de contato que fazem com que a palavra represente o ser ou objeto que ela designa, sendo que isso se dá de forma parcial e incompleta. Estamos certos, portanto, que apenas uma parte dessa multiplicidade de sentidos é representada no e pelo dicionário que distribui os sentidos a fim de identificar o espaço e os sujeitos do campo gaúcho.

## OS DICIONÁRIOS: REFLEXÕES E ANÁLISES

As reflexões e análises que ora apresentamos, embora preliminares, revelam a pertinência dessa releitura de tais instrumentos linguísticos sob o ponto de vista do materialismo histórico que sustenta nosso aparato teórico e metodológico. Nossa opção metodológica busca estabelecer relações entre as noções próprias à *Análise de Discurso* (tal como foi pensada por Michel Pêcheux e tal como vem sendo desenvolvida no Brasil) e a perspectiva proposta pela área da *História das Ideias Linguísticas* (tal como vem sendo desenvolvida no Brasil)<sup>6</sup>. Nosso olhar se volta, então, para um único verbete: “gaúcho”, em dois dicionários produzidos na mesma época, década de 80 do século XX. Um de *Língua Portuguesa*, em segunda edição, de circulação nacional, consagrado pela crítica; e um de *Regionalismos* do RS, também em segunda edição, com circulação mais restrita à região sul do país, mas bastante conhecido entre os gaúchos.

*Além de e mesmo antes de* analisar o verbete mencionado, nos interessamos pelos dicionários como objetos discursivos a serem lidos e, dentre as textualidades apresentadas interessa-nos especialmente a forma de apresentação destes livros, seja pela apresentação de terceiros (editores, críticos, etc.); seja pelo prefácio produzido pelos próprios autores. José Horta Nunes, ao analisar os dicionários no Brasil, em sua tese de doutorado, analisa os prefácios porque os considera material importante para o estudo das condições de produção, fazendo emergir a voz do lexicógrafo

6 Destaca-se especialmente os trabalhos de Eni Orlandi e o grupo de pesquisadores de universidades brasileiras que desenvolvem projeto em convênio com universidades francesas, sobretudo com o grupo de Sylvain Auroux.

situada em determinado contexto (2006, p. 20). Enquanto o prefácio nos fornece elementos para entendermos as condições de produção do discurso, o verbete “permite explicitar traços da posição do lexicógrafo”, efeitos de sentidos diversos; bem como “o lugar que o lexicógrafo ocupa em uma formação social” (Idem).

Assim, metodologicamente, dividimos nossa análise em duas partes: a dos prefácios e a do verbete “gaúcho”, explicitando em cada uma delas o que mais nos chamou a atenção tanto no dicionário de cunho nacional quanto no de cunho regional, conforme segue. A partir da explicitação das sequências discursivas selecionadas, passamos às reflexões que ora aproximam e ora distanciam um instrumento linguístico do outro.

*A produção de efeitos de sentidos nas relações entre língua e sujeito*

## DOS PREFÁCIOS E DAS APRESENTAÇÕES

### *O Dicionário de Língua Portuguesa Aurélio*

233

O *Dicionário de Língua Portuguesa Aurélio* traz, em sua apresentação, dois textos introdutórios, uma Nota da Editora e um Prefácio.

No *primeiro texto*, intitulado *Nota da Editora*, deparamo-nos com a manifestação do discurso profissional do mercado editorial destacando os seguintes elementos e as respectivas expressões linguístico-discursivas:

a) *sobre o Dicionário*: “obra que por si consagra uma casa editorial”; “este dicionário é um dos títulos que mais vendem e venderam em língua portuguesa”; “Aurélio hoje é sinônimo de dicionário: metonímia que traduz sua indiscutível aceitação e popularidade”; a utilização da “melhor e mais avançada tecnologia”; “o melhor e mais útil instrumento de consulta da língua portuguesa”;

b) *sobre o processo*, a atualidade do dicionário (o ponto de vista tecnológico): “somente com o auxílio da informática foi possível compor seus 25 milhões de caracteres, atualizando-o com acréscimos de aproximadamente 35%”;

c) *sobre a memória constitutiva* (recuperação da primeira edição): “Dissemos na primeira edição”; “trazemos agora ao público esta segunda edição”; “o lançamento da segunda edição coincidirá com a marca de 5 milhões de exemplares vendidos”; “esta obra [...] continuará ocupando, por décadas afora, seu lugar no universo editorial”.

No *segundo texto*, intitulado *Prefácio*, assinado pelo próprio autor, encontramos:

a) *referências ao árduo trabalho dos dicionaristas*, dos incansáveis lexicógrafos, dentre os quais o autor se inclui como tal, restando a estes profissionais “indesejáveis conseqüências físicas” e o “mais ingrato esquecimento”. Revela-se, nesse espaço, a posição do sujeito lexicógrafo como um especialista no idioma apresentado de forma dicionarizada. A partir desta breve introdução, o autor passa a descrever o dicionário, subdividindo seus comentários em 14 subitens;

b) *a descrição da obra*: “dicionário médio, ou inframédio, etimológico, com razoável contingente vocabular (bem mais de cem mil verbetes e subverbetes), atualizado (dentro dos seus limites), atento não só a língua dos escritores (muito especialmente os modernos, mas sem desprezo dos clássicos [...]), senão também a língua dos jornais e revistas, do teatro, do rádio e televisão, ao falar do povo, aos linguajares diversos – regionais, jocosos, depreciativos, profissionais, giriescos...”. Destaca-se, nesse espaço, a posição do lexicógrafo em relação à língua, sua percepção de que a língua está viva, sendo acrescida de novos vocábulos e novos sentidos a cada instante, destacando-se também o caráter atualizador do dicionário. Aquele que atualiza a língua, os saberes sobre a língua;

c) *destaque especial: aos cronistas*, “por se mostrarem, em maior ou menor grau, bons espelhos da língua viva”; e *aos letristas* de sambas, marchas ou canções, porque “além de captarem a criação linguística popular, não raro são, ainda por cima, criadores, inventores de palavras”. Reforça-se, nesse espaço, a posição do lexicógrafo como aquele que leva em conta as transformações que a cultura produz na língua, relevando o caráter atualizador do dicionário, instrumento linguístico capaz de revelar também as novidades linguístico-culturais.

### ***O Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul***

O *Dicionário de Regionalismos do RS* traz dois textos introdutórios: uma *Apresentação*, assinada por Hugo Ramírez (poeta), e uma *Nota dos Autores*.

O *primeiro texto* apresenta, inicialmente, os autores, e, posteriormente, a obra propriamente dita. Selecionamos, então, da apresentação de Hugo Ramírez:

a) *designações* que revelam a posição-sujeito, os autores são falados pelo outro. Aqueles que produziram o dicionário de regionalismos são: “dois gaúchos autênticos”; “homens de Cima-da-Serra”; “poetas”; “brasileiros da gaucholândia”; “dois irmãos”; “almas eleitas”. Tais designações não nos remetem ao trabalho do lexicógrafo propriamente dito, temos aí



uma outra posição-sujeito que nos remete aos autores do dicionário como herdeiros de uma língua-cultura a ser preservada. A relação que se estabelece entre sujeito e língua é outra, se diferencia da relação do lexicógrafo que publica o dicionário *Aurélio*, por exemplo;

b) *características* atribuídas ao dicionário de regionalismos: “obra [...] fecunda em termos e modismos, ensejando uma ampla visão do panorama dialetal gaúcho”; “a obra valoriza, sobretudo e antes do mais, o patrimônio semantológico e coloquial do Brasil, em sua área de cultura meridional”; a obra “enseja uma dupla perspectiva de integração sociológica, tanto dentro de nosso país, onde a fala do rurícola gaúcho é algo saborosamente peculiar, como, ainda e além fronteiras, entrelaçando, através da comunidade linguística, importantes regiões de idêntica sociogênese, da Argentina, do Brasil e do Uruguai”; a obra é considerada um “glossário dialetológico”. É ao caracterizar a obra que Hugo Ramírez estabelece pontos de contato entre o dicionário da língua nacional e o de regionalismos, dando a este último, também, o estatuto de lugar do saber linguístico, de abrangência superior à região a qual se refere prioritariamente;

c) *as relações* entre os sujeitos (autores) e a obra: “a obra os consagra” como legítimos representantes de um grupo social, pois “consagra mais ainda o Movimento Tradicionalista Gaúcho”, e ressalta ainda o valor de instituições locais que veneram a tradição, eis a citação “Pertencem [os autores] à Academia Rio-Grandense de Letras e à Estância da Poesia Crioula”, definidas como “duas entidades em que o espírito gaúcho encontrou sempre a melhor acolhida”, considerando que o dicionário de regionalismos é o que “melhor as justifica como expressões sociais atuantes” comparadas com a Academia Brasileira de Letras, pois ambas estariam “endividadas com o povo na tarefa de dicionarização da língua portuguesa do Brasil, a que os regionalismos da querência Rio-Grandense dão notável colaboração”. Observamos que ao citar a ARL ele faz menção à ABL, unindo-as sob a égide de uma mesma FD (formação discursiva), com aproximações que fazem delas co-irmãs, estando num mesmo patamar, reiterando o estatuto de dicionário que a obra enseja.

No *segundo texto*, escrito pelos autores, aparecem:

a) *referências temporais e espaciais*, tais como: “este dicionário, iniciado há mais de meio século, em São Francisco de Paula”; marcando a vastidão de tempo que o dicionário demorou para ser produzido e demarcando o espaço, o lugar de onde os autores falam: do interior do RS;

b) *a descrição do processo*: “Este dicionário continha [...], de início, apenas os termos mais tipicamente gaúchos utilizados pelos habitantes do

interior de nosso Estado. Aos poucos, porém, se foi enriquecendo com palavras e expressões colhidas não só na linguagem falada no território rio-grandense, que tivemos oportunidade de percorrer e auscultar de ponta a ponta, mas, também, em centenaes de obras, em prosa e verso, por nós compulsadas, entre as quais os dicionários, vocabulários e glossários já vindos à luz...”. Esta descrição explicita a relação deste dicionário com as obras que vieram antes e que tinham objetivo específico de subsidiar a leitura de obras literárias de cunho regionalista, como é o caso dos glossários e dos vocabulários específicos. Isso se confirma no decorrer da obra pela série de citações nela elencadas.

c) a caracterização adjetivadora do produto: “Assim, deixou este livro de ser o trabalho modesto [...], pois nele estão registradas, [...] mostradas nos exemplos de consagrados mestres, as vozes regionais, de múltiplas origens, que tanto enriquecem e embelezam a colorida e vigorosa linguagem falada em nossa Querência”. Observamos, nessa sequência discursiva, a adjetivação da obra, mas também se revelam efeitos de sentidos outros, como é o caso da emergência da letra maiúscula em “Querência”, marcando o nome próprio, o resgate de um nome que parafraseia um país, uma nação que tem uma língua nacional diferenciada, bem como dicionarizada.

#### *Comentários sobre as diferentes formas de apresentação dos dicionários*

O dicionário Aurélio traz uma apresentação do trabalho do lexicógrafo que se dedica inteiramente a essa tarefa, a “íngrata” tarefa de reunir verbetes da língua viva, atualizada cotidianamente, num esforço de controlar, ou pelo menos de conter, os possíveis efeitos de sentidos que essas palavras possam produzir na língua portuguesa atual. Este dicionário dialoga com sua própria tradição de existir; uma nova edição do Aurélio dialoga com as edições anteriores; uma nova edição de um dicionário de língua portuguesa dialoga com as outras edições de outros dicionários de língua portuguesa; um dicionário que vende cinco milhões de exemplares dialoga com outros dicionários de mesmo porte do mundo inteiro. Enquanto que um dicionário de Regionalismos, como este que estamos analisando, dialoga com um passado mitológico; dialoga com a tradição de um povo que evoca sua diferença linguística como marca identitária; dialoga com o estrangeiro, o argentino e o uruguaio; dialoga com os relatos do viajantes; dialoga com ideologias separatistas; dialoga com a literatura regionalista de ontem e de hoje; dialoga com glossários e vocabulários elaborados por outros tradicionalistas, sejam eles brasileiros ou não; e dialoga, de modo parcial e restrito, com o resultado do trabalho de um lexicógrafo ou um sujeito

que se dedica inteiramente ao trabalho de dicionarista, como é o caso do Aurélio. Então, nos deparamos com dois dicionários, sérios e importantes instrumentos linguísticos, guardadas as especificidades de cada um, mas nos deparamos também com posições-sujeito que revelam diferentes modos de inscrição do sujeito na língua, considerando que não existe neutralidade do sujeito e que a ideologia se revela funcionando na própria forma de organização do objeto discursivo em análise (Orlandi, 2002, p. 107).

O dicionário de Regionalismos tem breve e geral apresentação dos autores e uma apresentação (de um dito poeta regionalista) realizada por um terceiro, que destaca características dos dedicados autores, que em “momento algum” são designados como lexicógrafos, mas sim reveladores de uma face conservadora da tradição gaúcha na e pela língua. Destacando-se aqui, então, um outro objetivo que extrapola o de desejo de certitude, próprio ao dicionário; bem como o de controle dos sentidos sobre as palavras ou expressões, pois, nesse caso, o dicionário é elaborado como um lugar de preservação de “patrimônio lingüístico-cultural”. Trata-se de um objeto de consulta, sem dúvida, mas funcionando como referencial de tradicionalismo e não como acúmulo de saber atualizado, ou instrumento de consulta universal. É algo marcado pela especificidade de um grupo social; pela crença de que haveria uma nação imaginária (no interior de outra nação); por um imaginário coletivo que supervaloriza os costumes de outrora. A língua, nesse caso, funciona como expressão maior de um grupo social tão específico, que se identifica como diferente no interior do mesmo; dando ao dicionário um estatuto diferenciado de conservador do passado mitológico, histórico e linguístico-cultural. Temos, então, um instrumento linguístico, resultado da revolução tecnológica, trabalhando a serviço da preservação em detrimento da atualização da língua, sendo esta última a preocupação que aparece tão claramente no prefácio do Aurélio e que é apagada na apresentação do dicionário de Regionalismos.

Na verdade, não interessa à nossa análise descrever o perfil de um sujeito lexicógrafo, interessa compreender as tomadas de posição desse sujeito diante da língua que é portuguesa, brasileira, gaúcha. Ao recorrermos aos verbetes distribuídos no dicionário, deparamo-nos com as diferentes tomadas de posição do lexicógrafo: o Aurélio apresenta rápida definição, sem exemplificações; enquanto o dicionário de regionalismos recupera, constantemente, traços de uma memória heróica e mitológica, que é histórica e que é literária, preservando-atualizando essa memória via exemplos de textos literários regionalistas, sejam eles produzidos no Brasil ou nos outros países da região do Prata. Que posição-sujeito é esta? Estamos diante do tradicionalista ou do lexicógrafo que produz o dicionário de

regionalismos? Nossa hipótese inicial nos leva a crer que estamos diante de dicionaristas, sem dúvida; mas dicionaristas que assumem diferentes posições-sujeito diante da língua e de seu funcionamento. No caso do regionalismo, deparamo-nos com escritores regionalistas que também são críticos literários e que selecionam os autores gauchescos que “merecem” destaque no interior do dicionário. Trata-se de dicionaristas que tiveram como profissão a carreira poética, jurídica e jornalística; posicionando-se, num determinado momento, colocando-se como lexicógrafos. Talvez possamos investigar melhor esse posicionamento pela via da interpelação, pois segundo Orlandi (2002, p. 105) é possível “compreender o funcionamento da ideologia, pois ao tomar o dicionário como discurso, podemos ver como se projeta nele uma representação concreta da língua”, possibilitando a identificação de “indícios do modo como os sujeitos – como seres histórico-sociais, afetados pelo simbólico e pelo político sob o modo do funcionamento da ideologia – produzem linguagem”. Os sujeitos, além de produzirem um dicionário regionalista (tomando a posição de escritor/lexicógrafo) são, ainda, interpelados a compreender a especificidade regional que os constitui e ao mesmo tempo os interroga, num empreendimento que então poderíamos definir como o desejo do sujeito de controlar os sentidos que lhes escapam. Isso se daria, então, pela dicionarização, via manutenção, revelando a posição-sujeito do “guardião da língua”, desta língua imaginária, fundadora de uma nação imaginária, que pretensamente separaria “gaúchos” de “não-gaúchos” no interior do grupo social de “brasileiros”.

#### DO VERBETE “GAÚCHO” E DA PRODUÇÃO DE EFEITOS DE SENTIDO

No dicionário Aurélio vamos encontrar a introdução ao verbete “gaúcho” na forma da delimitação espacial e territorial, produzindo um efeito de delimitação da origem etimológica, resolvendo essa problemática da seguinte forma [Do esp. plat. *gaucho*, com mudança de acento.]. Assim, ignora-se toda a discussão que é anterior e funda-se um lugar etimológico conciso e objetivo para o verbete gaúcho, produzindo um efeito de apagamento dos outros sentidos possíveis ao mesmo tempo em que produz um efeito de unidade de sentidos tão importante para o leitor. A partir desta breve explicação, passa-se a acepção brasileira para o verbete tomando-o como substantivo masculino. O Aurélio apresenta inicialmente a introdução: “Primitivamente”, definindo o gaúcho como “habitante do campo, descendente, na maioria, de indígenas, de portugueses e de espanhóis”, loca-

lizando a origem do verbete na área rural e fronteira, lugar de relações entre diferentes línguas e culturas. Na sequência temos a indicação para ver “rio-grandense-do-sul (2-natural ou habitante desse estado)” num movimento de explicitação do regionalismo que é próprio ao verbete e, por extensão “o natural do interior do Uruguai e de parte da Argentina”. Só então vão aparecer sinônimos e metonímias de gaúcho atribuídos a ele pelas habilidades físicas-profissionais: “peão de estância” e “cavaleiro hábil”. O fechamento do verbete se dá pela adjetivação “gauchesco”, remetendo ainda a “rio-grandense-do-sul (1- Do, ou pertencente ou relativo ao RS)”<sup>7</sup>.

No Dicionário Regionalista encontramos o verbete “gaúcho” sendo descrito, dito, redito e exemplificado desde a página 211 até a página 226, são 16 páginas definindo e exemplificando as possibilidades de aparição do vocábulo em discussão. Desde o princípio ele é tomado como substantivo e adjetivo, as definições, sinônimos e metonímias vão se sucedendo. Há que se destacar uma regularidade que se estabelece em relação ao Aurélio, as três primeiras acepções dizem respeito à definição do gaúcho como substantivo: “Habitante do Rio Grande do Sul”, “Habitante do interior do Rio Grande do Sul, dedicado à vida pastoril e perfeito conhecedor das lides campeiras”, “Habitante da Argentina e do Uruguai, da região da campanha, com origem e costumes assemelhados aos dos rio-grandenses”. Assim, apesar de substantivado, o gaúcho é definido, também aqui, a partir de suas atividades físicas, profissionais e culturais. Trata-se de algo que aparece imbricado em toda a extensão de definições e exemplos que se seguem a estes mencionados. Somente a quarta acepção traz a introdução: “Primitivamente”, mas diferente do Aurélio, pois esse espaço é reservado para substantivos e adjetivos comumente tomados como sinônimos e metonímias de gaúcho até hoje, sejam eles de cunho apreciativo ou de cunho pejorativo. Na sequência aparecem as referências à miscigenação racial que constitui o gaúcho como integrante de um grupo social. E, finalmente, aparece o gaúcho como adjetivo atribuído a “animal ou objeto sem dono, ou cujo dono é desconhecido”, ou seja, há uma definição que não se atribui ao homem, mas que resgata sentidos já esquecidos, remetendo à imagem de liberdade do gaúcho de outrora. Os autores, então, abrem parênteses para falar da etimologia da palavra: “existem centenas de hipóteses a respeito da origem da palavra gaúcho, que, apesar dos esforços dos pesquisadores, continua envolta em denso mistério”. Ao se fechar esse parêntese

---

7 Sobre metonímias e sinonímias em dicionários trataremos em outro texto, o estudo está em desenvolvimento.

tem início a série de citações de textos sobre a origem e os possíveis dobramentos que a designação gaúcho pode ter. Tais citações são advindas de vocabulários, glossários e dicionários anteriormente publicados, bem como são advindos da área da linguística, da antropologia, da história, dos relatos de viajantes, de textos literários, etc. Importa destacar ainda que são mais de 20 autores citados, apenas nesse verbete, e as citações podem estar em prosa ou em verso, assim como além da língua portuguesa temos citações em língua espanhola. Daí a extensão desse vocábulo e a expressão do desejo de conservar diferentes sentidos que possam ser atribuídos ao gaúcho, própria ao dicionário de regionalismos.

Se considerarmos que o dicionário revela representações que o sujeito que o produz tem acerca da língua; e os usuários do dicionário, por sua vez, se identificam mais ou menos com o efeito ideológico que ali se produz, poderemos concordar com Orlandi (2002, p. 108) quando ela diz que:

a língua aparece como “nossa” língua, a língua “comum”, dos “brasileiros” etc. A representação fiel do dicionário nos dá uma língua (imaginária) homogênea, perfeita, completa, sem falhas, de todos nós. Do mesmo modo o dicionário parece não ter ideologia, sendo “neutro”, ou melhor, tendo a neutralidade (universalidade) da língua. Como não tem marcas ideológicas, sua ideologia é justamente não se marcar ideologicamente.

E entendendo o dicionário sob esse ponto de vista, podemos dizer que estamos diante de dois dicionários que promovem o efeito de sentido da completude da/na língua. O Dicionário Aurélio produz este efeito via generalização e restrição, apresentando o estritamente necessário para incluir o gaúcho como pertencente à nação imaginária brasileira; já o Dicionário de Regionalismos vai promover o efeito de completude pela via do demasiado cheio, pela saturação de sentidos, de multiplicidade de exemplos, numa tentativa de açambarcar todo e qualquer gaúcho para que este sintá-se parte da nação imaginária gaúcha no interior do Brasil.

## QUESTÕES FINAIS

A partir desta leitura/análise dos prefácios dos dois dicionários e das diferentes formas de explicitação do verbete gaúcho que aparecem em cada um deles, passamos a nos questionar sobre as diferentes posições de sujeito que se inscrevem numa formação discursiva própria aos lexicógrafos-dicionaristas, o que revela a heterogeneidade constitutiva desse espaço de interlocução, atualização e manutenção do saber linguístico. Assim, o di-

cionário, ao ser tomado como tecnologia a serviço da língua e como objeto discursivo da maior importância, passa a revelar outros efeitos de sentidos, extrapolando o uso comum que dele se faz e revelando a excelência de seu papel também na constituição/instituição de uma memória. Para Catroga (2001) é a escrita da história que funciona como “fonte produtora (e legitimadora) de memórias e tradições” (p. 58), mas se considerarmos, como o autor, que isso se dá através das narrativas históricas e literárias, podemos deslocar tal funcionamento para a materialidade discursiva do dicionário regionalista, rico em citações (narrativas) históricas e literárias. Assim, poderíamos, então, entender esse espaço como instituinte de uma nação imaginária “gaúcha” capaz de preservar e atualizar saberes linguístico-culturais-históricos, reinventando e sacralizando origens, “momentos de grandeza consubstanciados em ‘heróis’ individuais e coletivos” (Idem).

O “gaúcho” é o herói regional representado no dicionário regionalista. Ao observarmos tal designação no dicionário de regionalismos, deparamo-nos com um tipo de oscilação que nos conduz ao espaço das múltiplas facetas do herói, das tantas possibilidades, das incertezas, marcando a contradição com o espaço de certeza, próprio do dicionário em sua acepção canônica, presença constante no dicionário Aurélio, por exemplo. Há uma relação contraditória entre os dois dicionários considerados e a controvérsia reside no fato de que o primeiro busca constituir-se como lugar da certeza e da atualização da língua, enquanto no segundo se revelam, explicitamente, as inúmeras possibilidades de se delimitarem as origens etimológicas do termo “gaúcho”, tal como o conhecemos atualmente, bem como a cultura regionalista oferece muitas possibilidades de sinônimos, metonímias e paráfrases para o gaúcho. Há, portanto, no dicionário regionalista, a extrapolação do espaço de certeza e a explicitação da necessidade de manutenção da língua. Na verdade, o que está sustentando ambos é o desejo/necessidade de controlar os efeitos de sentidos que o verbete gaúcho poderia vir a produzir, seja via manutenção seja via atualização.

O fato é que estamos diante de diferentes posições-sujeito, onde a contradição funciona como constitutiva de sentidos, promovendo a heterogeneidade discursiva, própria de um povo que fala a Língua Portuguesa (do colonizador), é brasileiro (nacionalista), é gaúcho (regionalista), sem deixar de pertencer a nenhum destes grupos sociais. Estamos diante de uma designação que constitui sentidos na língua e pela língua e que se institucionaliza de modos diferentes nos dicionários de Língua Portuguesa e de Regionalismos. Isso nos conduz a refletir pelo menos sobre dois aspectos: que relações são essas que se estabelecem entre tradição e atualização

na memória discursiva revelada pelos dicionários? E que posição-sujeito é essa dos autores do dicionário de regionalismos que se relaciona com a posição-sujeito do lexicógrafo, assumida pelo/no Aurélio?

Tais questões ainda requerem o aprofundamento de nossas pesquisas, mas nos permitem uma incursão inicial no terreno da língua e do discurso como espaço de movimentação/produção/reprodução da história de um grupo social. Torna-se imprescindível estabelecer relações entre história e memória, entre tradição e presentificação linguístico-discursiva, via dicionarização; levando em conta o constante processo de alteridade que revela facetas deste sujeito brasileiro.

*Verli  
Petri*

---

242

*Recebido em dezembro de 2008 / Aceito em maio de 2009*



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

CATROGA, Fernando. Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra (Org.) **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001, p. 43–69.

GUIMARÃES, Eduardo. **Os limites do sentido**. Campinas: Pontes, 1995.

\_\_\_\_\_. Um mapa e suas ruas. ORLANDI, Eni Pulcinelli (Org.). **Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas: Pontes, 2001, p. 95–100.

NUNES, José Horta. O espaço urbano: a “rua” e o sentido público. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli (Org.). **Cidade Atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas: Pontes, 2001, p. 101–109.

\_\_\_\_\_. **Dicionários no Brasil: análise e história**. Campinas: Pontes; São Paulo: Fapesp; São José do Rio Preto: Faperp, 2006.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Lexicografia discursiva. In: ORLANDI, E. P. **Língua e conhecimento lingüístico**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 101–119.

PÊCHEUX, Michel. Remontémons de Foucault à Spinoza. **El discurso político**. Universidade Nacional Autónoma de México, 1980, p. 181–197.

PETRI, Verli. **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

## DICIONÁRIOS CONSULTADOS

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário de Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

NUNES, R. C.; NUNES, Z. C. **Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

*A produção  
de efeitos  
de sentidos  
nas relações  
entre língua  
e sujeito*

---

243